

# 1

## Antes de 1980

Se a história dos Metallica tivesse de começar por algum lado, bem que poderia começar num clube de *jazz* em Roma, onde numa noite de Maio de 1973, um dinamarquês barbudo e amante de música chamado Torben Ulrich levou o seu filho de dez anos Lars para assistir ao espectáculo do seu amigo, o saxofonista tenor de 50 anos Dexter Gordon.

Trinta anos depois, Ulrich ainda sorri silenciosamente ao lembrar-se daquela noite. “A primeira vez que vi o Lars actuar em palco foi em Roma,” lembra ele. “Fui jogar o *Open* de Itália. O Dexter estava a tocar num clube nocturno e eu, o Lars e a mãe dele fomos vê-lo. De repente, o Lars subiu ao palco e cantou no microfone enquanto corria de um lado para o outro.” Ele faz uma pausa, enquanto abana a cabeça de admiração pela coragem inata de uma criança que faria uma coisa dessas. “Era como um cão que corre ao acaso por alguns momentos. Foi surpreendente para todos.”

O destino estava traçado.

Lone Ulrich deu à luz o primeiro e único filho de Torben a 26 de Dezembro de 1963, em Gentofte na Dinamarca. O rapaz a quem chamaram simplesmente de Lars teve sorte nos privilégios de que viria a gozar: o seu pai era uma estrela reconhecida do ténis internacional e activo em muitas outras áreas como actor, músico, escritor e pintor. Jogou vinte anos em Wimbledon, tal como o seu próprio pai, mas torna-se profundamente filosófico acerca do motivo que o levou lá. “Qual é o significado de ter este tipo de herança?” pergunta ele. “Eu tento não ver isso em termos restritivos – o que isso significa convencionalmente – mas vê-lo também em termos gerais.”

A psique profundamente filosófica de Torben Ulrich irradia uma luz inestimável na personalidade do seu filho: por exemplo, ele tem muito a dizer sobre a natureza do ténis como arte temática que foi criando ao

longo dos anos: “Quando pensamos na bola vem-nos imediatamente à cabeça a cosmologia, com os seus esféricos e planetas. Tu investigas o limite dessa percepção quando não tens em conta os padrões convencionais. Tu perguntas, o que é jogar com uma bola, e questionas o conceito de ganhar e perder, e se questionas isso, questionas toda a natureza do acto de jogar.”

Os interesses extracurriculares de Torben para além do *court* de ténis incluem realização de filmes (colaborou num filme intitulado *Motion Picture* em 1969) e pinturas em acrílico, bem demonstradas numa série de trabalhos com tinta em papel de arroz a que chamou *Imprints of Practice*, que começou em 1971 e expôs em Paris, Nova Iorque, Los Angeles e Seattle. Acrescentem à lista os seus interesses espirituais (Torben visitou professores indianos de música e Ioga nos anos cinquenta, e estudou Zen japonês em Londres nos anos sessenta) e a profundidade cultural que Lars observou, mesmo em criança, é notória.

A família Ulrich era não só viajada como tinha diversos contactos. “Antes do Lars nascer eu tocava música e visitava Londres,” lembra Torben. “Eu era amigo do Chris Barber, um trombonista que toca *jazz* tradicional. Do Humphrey Lyttelton também. Tocava com ele no n.º 100 da Oxford Street, passávamos bastante tempo lá.” As influências de *jazz* que moldariam a forma de tocar de Torben vieram de origens bem definidas. “Eu estudava o trabalho de Sidney Bechet, quer antes quer após o conhecer. Mesmo no final dos anos quarenta ele já me interessava. Viajei para França onde vi algumas bandas que tocavam ao estilo de King Oliver e Louis Armstrong. O Bechet lá era um herói, e eu tentava ir a Paris as vezes que conseguia para estar de volta dele.”

A relação de Torben com o intenso Bechet cresceu, mas as actividades profissionais de estrela do ténis causaram ao seu mentor alguma consternação: “Fomos desenvolvendo aos poucos uma relação onde ele era o professor e eu era o estudante,” diz Ulrich com um prazer evidente. “Certa altura leu no jornal que me tinha portado mal no *court* de ténis, por isso telefonou-me e repreendeu-me.”

Uma certa qualidade de extroversão teimosa pode ser deduzida a partir da forma como Ulrich se refere de forma tão casual ao seu mau comportamento no *court* – mas quanto desta qualidade é a mesma exuberância reflectida nas travessuras do seu filho em palco com Dexter Gordon naquela noite em Roma? Acontece que afinal existe uma razão para a presença de Lars em palco naquela noite: Gordon era seu padrinho.

Gordon e os Ulrich partilhavam um similar estilo de vida itinerante e Gordon assentou na Dinamarca por algum tempo nos anos setenta

– em Copenhaga, onde a família Ulrich vivia na altura. “Havia um interesse em Copenhaga para aquele estilo de música: por exemplo, havia um bar chamado Montmartre,” diz Torben. “Stan Getz viveu lá por uns tempos, assim como Bud Powell. O Dexter veio para a Dinamarca depois de tocar no clube de *jazz* Ronnie Scott por algumas semanas. Havia todo este cenário, se quiseres, e nós éramos os jovens que o seguíamos de perto e que escrevíamos acerca disso.” Foi a actividade de Ulrich como jornalista que os aproximou. “Naquela altura eu estava a escrever para um jornal dinamarquês chamado *Politiken*. O Dexter tornou-se uma grande figura da noite nos finais dos anos cinquenta, nos anos sessenta e seguintes. Íamos vê-lo quando viajávamos.”

Os dois homens expandiram a sua amizade, e quando Lars nasceu, Gordon concordou em ser seu padrinho, mas as circunstâncias ditaram que eles seriam incapazes de desenvolver qualquer tipo de relacionamento. Gordon realojou-se nos Estados Unidos pouco tempo, como recorda Torben: “Quando eles poderiam ter tido um relacionamento mais próximo, o Dexter ora estava a viver em Nova Iorque, ora estava mal fisicamente, ou já tinha morrido”\*. Mas aparentemente, a memória do seu padrinho permaneceu com Lars de alguma forma: “Lembro-me do Lars contar-me que conheceu o Lionel Hampton na estrada, e que disse ao Lionel que o Dexter era padrinho dele,” acrescenta Torben. “Eles tiveram uma longa conversa sobre isso num qualquer sítio ao pequeno-almoço.”

Mesmo na ausência de Gordon, Lars começou a absorver a música que ouvia desde muito jovem quando estava perto dele. “Havia sempre músicos lá por casa desde o dia em que ele nasceu,” lembra Torben. Um prematuro ponto de viragem surgiu quando Lars tinha 10 anos, em 1973, quando um amigo de família os visitou: “Nós tínhamos um bom amigo chamado Ray Moore, um músico sul-africano que tocava em Copenhaga na altura. O Ray levou o Lars para ver o seu primeiro concerto,” diz Torben.

O rapaz de nove anos ficou tão afectado com o concerto que no dia seguinte dirigiu-se à cidade mais próxima e comprou o último álbum da banda que havia visto. O álbum chamava-se *Fireball*. E a banda que o tinha impressionado tanto eram os Deep Purple.

\* \* \*

\* Dexter Gordon faleceu a 25 de Abril de 1990.

A milhares de quilómetros e a um universo de distância, uma geração de crianças e jovens adolescentes americanos experimentavam a mesma adrenalina que Lars Ulrich sentiu quando viu os Deep Purple pela primeira vez. Em meados dos anos setenta, os fãs de *rock* americanos eram seguidores das bandas nacionais que enchiam estádios como os Kiss, os Aerosmith, Ted Nugent e os ZZ Top; bandas com um enorme índice de vendas que faziam *tournees* pelas principais cidades e pelas localidades do interior com a mesma diligência até ao ponto em que cada novo álbum de qualquer um deles não era considerado apenas um mero lançamento – era um Evento. Estas seguiam as pegadas das bandas de *rock* britânicas que tinham passado anos a conquistar imensos seguidores na América, grupos na vanguarda como os Rolling Stones e os The Who, seguidos da segunda fileira composta pelos Black Sabbath, os Deep Purple e – os mais notáveis de todos – os Led Zeppelin, cuja atitude exuberante apoiada no *blues* mais incendiário e *riffs* estonteantes criaram a ideia de que o *heavy rock* até podia ser britânico e *fixe* ao mesmo tempo.

Se tivesse nascido no início dos anos sessenta e vivesse nas zonas mais liberais dos Estados Unidos como Los Angeles e São Francisco, e se gostasse de música *rock*, iria certamente ter desenvolvido uma predileção pelo som desses grupos. O conceito de *heavy metal* era relativamente novo na ideia da maior parte dos fãs, que com muito agrado ouviam Meat Loaf, Kansas, Journey, Vanilla Fudge, Blue Cheer e classificavam-nos como *rock* sem se preocuparem muito (ou nada) a que categoria pertenciam.

Um desses fãs era David Mustaine, nascido a 13 de Setembro de 1961 em La Mesa, na Califórnia, uma comunidade a leste de San Diego. A sua vida doméstica era mais ou menos diametralmente oposta à educação privilegiada de que Lars Ulrich gozava na Dinamarca. O pai de Dave era alegadamente perturbado e instável, e o seu comportamento errático obrigou Mustaine e a sua mãe a mudarem de casa frequentemente. Por volta de 1974, Dave foi apresentado aos prazeres da música *pop* pela sua irmã, uma fã de Cat Stevens, embora estivesse já cansado da gentileza de cantautores confessionais e começasse a explorar o mundo do *rock*. Tal como muitos adolescentes inseguros americanos ele foi atraído pelos Led Zeppelin, como contou ao autor em 1999: “Os meus álbuns favoritos eram o *Houses Of The Holy* ou o *Four Sticks*\*... ou o *White Album*, dos Beatles. Limitava-me a ouvi-los e nem me apercebia

\* Presumivelmente, Dave Mustaine refere-se ao quarto álbum dos Led Zeppelin sem título que inclui a música «Four Sticks».

que me dirigia ao prato do gira-discos para virar o disco. Foi uma altura em que andava com os miolos derretidos.”

Com o passar do tempo, Dave começou a aprender sozinho a tocar guitarra, embora tenha tomado uma ou duas decisões das quais se arrependeu apesar do seu crescente gosto pela música: “Os Led Zeppelin vieram uma vez à minha cidade, mas foi logo após o lançamento do álbum *The Song Remains The Same* e eu pensei que já não eram a mesma coisa, por isso não fui. Estava a tornar-me num jovem guitarrista pretensioso na altura e não tinha a mínima ideia de como me estava a enganar a mim próprio.” Mas a música permaneceu a sua obsessão, e nos finais dos anos setenta, Mustaine já tocava com outros músicos.

A sua primeira banda bem-sucedida era conhecida pelo nome de Panic.

Entretanto, algures na Califórnia, um outro miúdo menos turbulento que dava pelo nome de Kirk Lee Hammett crescia e envolvia-se na música *rock* ao mesmo tempo que Mustaine, embora não aprendesse a tocar guitarra até aos seus quinze anos em 1977. Nascido a 18 de Novembro de 1962, Kirk cresceu em El Sobrante, uma comunidade localizada num vale perto de São Francisco.

Kirk era fã de *rock* desde muito cedo, recorda via *webchat* no site *Tweec.com* em 2000: “Eu adorava Jimi Hendrix, Kiss, Aerosmith e ZZ Top, e sentia que se aprendesse a tocar as suas músicas ficaria mais perto deles, estaria a desbloquear algum género de mistério. Quando aprendes a tocar a música de alguém, isso responde-te a questões de nível musical, mas permanece um mistério a outros níveis. Eu apenas sentia que se tocasse a música deles, estaria a conectar-me com eles.”

O meio-irlandês, meio-filipino Hammett era o filho do meio, entre o seu irmão mais velho Rick que o incentivou a aprender a tocar guitarra, e a sua irmã mais nova Tracy; o seu pai era um oficial da Marinha e sua mãe funcionária do governo. O pensativo, quase cerebral Hammett era nitidamente uma criança com uma espiritualidade invulgar, mesmo em tenra idade, embora isso não o impedisse de explorar o lado cru do *heavy rock* e de trabalhar muito para melhorar não apenas o seu talento como também o todo o seu equipamento.

A primeira guitarra de Kirk foi um modelo *Montgomery Ward* encomendada por catálogo, que ligava a um amplificador feito em casa construído com uma caixa de sapatos e um microfone de quatro polegadas. Após muitas horas a praticar conseguiu juntar o suficiente para uma Fender *Stratocaster* de 1978, que ele ajustava constantemente em

busca de um som aperfeiçoado. Um *part-time* no Burger King deu-lhe o dinheiro para um amplificador da Marshall e assim começou à procura de outros músicos com quem tocar: a sua busca terminou quando conheceu um vocalista chamado Paul Baloff. Os dois decidiram formar uma banda chamada Exodus e escrever material juntos.

Cerca de três semanas após o nascimento de Kirk, um casal que vivia a leste de São Francisco chamados Jan e Ray Burton tiveram um filho, Clifford Lee. Nascido a 10 de Fevereiro de 1962, o jovem Cliff era o mais novo de três filhos (tinha um irmão, Scott, e uma irmã, Connie) e era uma criança activa, que jogava basebol da *Little League* pela equipa do Castro Valley Auto House. Estudou em primeiro lugar no Earl Warren Júnior High e de seguida na Castro Valley High School. Durante as férias, Cliff mantinha-se sempre ocupado: trabalhava numa loja de aluguer de equipamentos chamada Castro Valley Rentals e passava tempo com os amigos, a caçar, a tocar e a pescar.

A maior mudança na sua vida de adolescente aconteceu quando começou a aprender a tocar viola baixo. Tinha estudado teoria da música na escola fazendo rápidos progressos nas aulas instrumentais que teve em Setembro de 1978 a Janeiro de 1980, não demorou muito até começar à procura de bandas locais. Uma das quais com quem tocou chamava-se AD 2 Million, outra foram os Agents of Misfortune (inspirado no álbum de nome semelhante dos Blue Öyster Cult) constituída por Cliff e por um guitarrista chamado Jim Martin, que mais tarde encontraria a fama como membro dos Faith No More. Contudo, a única banda a que Burton e Martin se dedicaram seriamente eram os EZ Street, onde também entrava o futuro baterista dos Faith No More e de Ozzy Osbourne, Mike “Puffy” Bordin, embora este fosse temporariamente substituído por um amigo, Dave Donato.

Martin, que vive agora afastado do escrutínio público após vários anos nos Faith No More, relembra com clareza aqueles anos: “Comecei a aprender sozinho a tocar guitarra eléctrica por volta de 1974 e queria encontrar outros músicos com quem tocar,” lembra. “Juntei-me a um vocalista e a outro guitarrista que tocavam versões dos Rolling Stones à volta da fogueira, e falámos em formar uma banda. O meu vizinho tocava bateria, por isso ficámos com ele. Encontrámos um baixista que mais tarde saiu e recomendou um amigo para ficar no lugar dele. O seu nome era Cliff Burton.”

O problema em encontrar um espaço adequado para ensaiar ficou resolvido quando os pais dos músicos permitiram – talvez insensatamente –

o uso das suas casas para praticarem: “Fizemos alguns ensaios nas casas dos nossos pais, que foram generosos o suficiente para nos permitir um sistema de rotatividade,” diz Martin, antes de acrescentar: “Geralmente saíam de casa. Mas certas coisas partiam-se. O bebé do vizinho do lado do Puffy deu entrada no hospital e acusaram-nos de ter ‘matado’ o bebé.” Como esperado, os EZ Street não criaram muita sensação. Martin lembra, “Tocávamos em alguns concursos de talentos, nas festas da igreja, e festas em geral. O único concerto pago foi em Berkeley, num qualquer sítio chamado The International Café. Era gerido por uns gregos. Eles adoravam-nos; porque vinham todos os nossos amigos para nos ver e bebíamos tudo o que havia na casa. Tínhamos por volta de quinze anos na altura.”

Cliff tinha uma personalidade quixotesca, que se manifestava de várias formas bizarras. Conduzia um Volkswagen verde (que apelidava de ‘gafanhoto’) e os seus gostos musicais variavam entre Bach e Beethoven até ao *rock*. Mas também tinha influências mais negras: o seu irmão mais velho Scott morreu de cancro com apenas dezasseis anos, um acontecimento que aparentemente afectou a personalidade de Cliff à medida que ia crescendo. Questionado sobre o carácter do seu amigo Cliff, Jim Martin torna-se pensativo: “O Cliff e eu passámos juntos os anos de formação como músicos. O Dave Donato também fez parte disso. Costumávamos ir os três para uma cabana remota nas montanhas no litoral da Califórnia e experimentar fazer músicas estranhas e loucas. Tocávamos o que calhava, coisas que nos saíam da cabeça. Algumas músicas bem conhecidas dos Faith No More e dos Metallica germinaram durante essas sessões.” Existem rumores que o resultado de uma dessas sessões está numa gravação que nunca foi lançada chamada *The Maxwell Ranch Tapes*, embora poucas pessoas afirmem tê-la ouvido.

Como a maior parte dos seus conhecidos, Martin ficava simultaneamente divertido e encantado com a ligeira excentricidade de Cliff – e evidentemente não menos na sua escolha de instrumento: “Ele tocava num velho Rickenbacker com uma coisa estranha chamada ‘Bass Balls’ através de um amplificador da Sunn com um altifalante simples de dezoito polegadas. Este ‘Bass Balls’ era como um pedal automático de *wah-wah*.” Mas apesar das suas maneiras pouco ortodoxas, Cliff tinha gostos simples. “Ele gostava de pescar e de beber cerveja. Caçar e beber cerveja. Saíamos e íamos a concertos ver novas bandas de *metal*,” diz Jim. Mas também sabia quando devia ser educado. Ele e os pais viviam num apartamento, por isso tínhamos de estar muito sossegados quando lá estávamos. O Cliff fazia muita comida e nós tocávamos muito baixinho.”

Havia definitivamente um ar de auto-confiança em Cliff. “Ele julgava que podia fazer com que as coisas funcionassem da forma como ele achava, e ensinou-me a pensar dessa maneira,” diz Martin. Eventualmente separaram-se. “O Cliff deixou os EZ Street, e eu mantive a banda a funcionar por mais algum tempo com uma constante mudança de elementos. Comecei a tocar numa série de grupos; penso que estive em quatro ao mesmo tempo, por isso tocava quase todas as noites. Eu e o Cliff encontrávamo-nos na mesma para tocar, a maior parte das vezes com o baterista Dave Donato.”

Entre o público de um dos primeiros concertos dos EZ Street estava Kirk Hammett, que estava a montar o seu projecto e a procurar músicos locais. Mais tarde relatou o episódio em que o amplificador do Cliff explodiu durante o espectáculo, mas em vez de deixar o palco, o baixista simplesmente se sentou em frente do amplificador e fez *headbanging*.

Martin juntou-se aos Faith No More pouco depois, após Cliff sugerir a Puffy que devia considerá-lo como guitarrista. Mas o duo Cliff e Jim Martin não iriam ficar por aqui: juntamente com Puffy, com o baixista dos F.N.M. Bill Gould e Burton, o guitarrista tocou um concerto único no Mabuhay Gardens em São Francisco – com uma escolha inspirada como sigla: “Nós éramos os Chicken Fuckers,” ri-se Bill Gould agora. “Não há muito para dizer, só fizemos um espectáculo – foi um grande concerto. Bebemos e fumámos erva até não podermos mais e fomos para o palco sem nenhum ensaio a sério.” E como é que foi a vossa relação com o público? “Horrível. Era essa a ideia! Mas foi divertido.”

Burton – que Gould descreve como um gajo muito, muito fixe. Super brilhante, super perceptivo... ele tinha um grande coração” – tinha no entanto outros planos para além de projectos de brincadeira. Deixou os EZ Street para se juntar a uma banda de São Francisco chamada Trauma, um grupo bem conhecido da Bay Area e que os outros admiravam pela sua excelência musical. Começaram por fazer alguns concertos na zona e Cliff depressa criou uma reputação pelos seus solos de baixo que tocava por cima das guitarras ritmo, algo pouco usual na altura. O interesse por parte das editoras discográficas depressa começou a crescer, com um observador particularmente motivado, um fã de *metal* de L.A. chamado Brian Slagel.

A cerca de 1600 quilómetros de distância, um adolescente chamado Jason Curtis Newsted dedicava-se igualmente a aprender a tocar *rock*. Nascido a 4 de Março de 1963 na cidade de Battle Creek, Michigan,



e criado na cidade de Niles até aos catorze anos, Jason pode bem ter-se inspirado para aprender a tocar um instrumento com a mudança da sua família para Kalamazoo em 1977, próxima do quartel-general da mundialmente famosa fabricante de guitarras Gibson. A sua nova casa era uma fazenda, onde Jason gostava de tomar conta dos cavalos que os Newsted mantinham: era um desportista com uma vida activa, juntamente com os seus dois irmãos mais velhos e a sua irmã mais nova. Os seus irmãos também o introduziram na música (The Osmonds e os Jackson 5 eram os favoritos da família), enquanto que os seus pais, Bob e Jo Newsted tinham também um piano.

Embora Jason fosse bom aluno, a escola em Kalamazoo não era muito ao seu gosto e desistiu antes de finalizar os exames nacionais (*graduation* nos E.U.A. Jason recebeu entretanto um certificado de habilitações próprio para estes casos, que pode incluir um exame posterior de qualificação final, o chamado *leaving diploma* nos E.U.A.). Aparentemente, a música era uma alternativa aos estudos: a sua primeira tentativa na música foi um esforço falhado para aprender a tocar viola baixo (o que o moveu a escolher este instrumento foi o seu herói, o baixista dos Kiss, Gene Simmons) e uma restrição ao piano do seu pai. Contudo, uma segunda tentativa para aprender a tocar o baixo foi mais resistente e juntou-se a uma banda local, os Gangster, com o seu amigo e professor ocasional de guitarra Tim Hamlin.

Enquanto Lars Ulrich permanecia em Copenhaga protegido no seio da sua família abastada e culturalmente letrada, a família de Dave Mustaine planeava a sua próxima mudança, de olho no imprevisível Mustaine sénior. Kirk Hammett praticava com a sua guitarra em El Sobrante. Cliff Burton dava passeios pelas florestas da Bay Area com Jim Martin. Jason Newsted aguardava no coração do Michigan. Uma outra família passava por provações e tribulações da vida nos anos setenta com a ajuda de apenas eles próprios: o poder da fé, assim definido pela Ciência Cristã (Christian Science), um ramo da Igreja Protestante que estima o equilíbrio espiritual e a força da auto-cura.

Virgil e Cynthia Hetfield viviam em Los Angeles com os seus três filhos, David, James e DeDe: Virgil era camionista, dono de uma pequena transportadora, enquanto que a sua esposa era cantora. O seu filho do meio, James Alan, nasceu a 3 de Agosto de 1963 e demonstrou desde cedo algum talento musical em dois anos de lições de piano, embora estas não dessem em nada. Melhor sucedidas foram as suas tentativas de tocar na bateria que pertencia ao seu irmão mais velho David, que

tocava numa banda, assim como a sua decisão de se virar para a guitarra no início da adolescência.

Embora James mantenha que os seus pais o amavam e o apoiavam, ficou abatido com o seu divórcio em 1976. No ano seguinte, James matriculou-se na Downey High School no sul de Los Angeles onde se cruzou com outros que partilhavam o seu interesse no *rock* (nos Kiss e nos Aerosmith em particular): Dave Marris e Ron McGovney. Conheceram-se no East Middle School, onde James era notável nas aulas de música por ser o único estudante que já conseguia tocar guitarra. Em 1993, Ron disse numa entrevista a Pat O'Connor no programa de rádio *Shockwaves* que em Setembro de 1977, quando os caloiros do ano dele começaram a escola, “Todos tinham o seu pequeno grupo... havia as *cheerleaders*, os desportistas, os da orquestra... e tu acabavas a acompanhar com os retardados que não pertenciam a qualquer grupo social, e isso incluía-me a mim e ao James.” Um desajustado, mesmo em idade precoce, Hetfield refugiou-se nos Aerosmith. De acordo com McGovney, “Ele era totalmente passado pelo Steven Tyler. E o nosso amigo Dave Marris era passado pelos Kiss... eles gozavam com a música que eu ouvia, e em troca, eu dizia-lhes que os Kiss não prestavam e que os Aerosmith não prestavam, e andávamos nisto.” À medida que a habilidade de Hetfield para a guitarra se ia aperfeiçoando, este ia brincando com a ideia de formar um grupo.

James era como um forasteiro no que diz respeito às crenças da sua família. Tal como disse mais tarde à *Playboy*: “Eu cresci como membro da Ciência Cristã, que é uma religião estranha. A regra principal diz que Deus vai cuidar de tudo. O teu corpo é apenas um invólucro, tu não precisas de médicos. Era algo alienante e difícil de compreender. Eu estava impedido de fazer um exame médico para assim poder jogar futebol-americano. Era estranho ter que sair das aulas mais cedo e faltar às classes de Higiene e Saúde na escola, com todos os miúdos a dizer, ‘Porque é que tens de ir embora? És algum *freak*?’ Quando és um miúdo queres fazer parte do pessoal. Eles segredavam uns com os outros sobre ti e a pensavam que eras um gajo esquisito. Isso era altamente irritante. O meu pai dava “catequese” (*Sunday school*, no original, são aulas ministradas ao domingo a alunos de uma congregação religiosa) – ele andava nisso. Eu era praticamente forçado a assistir àquilo. Nós tínhamos uma espécie de depoimentos, e havia uma rapariga com o braço partido. Ela levantou-se e disse, ‘eu parti o meu braço, mas olhem, já está bom’. Mas estava como que deformado. Agora que penso nisso, era muito perturbador.” Estas experiências iriam influenciar de forma bem conhecida a vida e o trabalho de James.

Por volta de 1980, Hetfield formou uma banda chamada Obsession, que incluía os seus amigos Ron e Rich Veloz, no baixo e na bateria respectivamente, e um segundo guitarrista, Jim Arnold. Durante os ensaios na garagem da casa dos irmãos Veloz, James cantava e tocava guitarra nas versões dolorosamente cruas que a banda fazia das músicas de Black Sabbath, Led Zeppelin, e Deep Purple tais como «Never Say Die», «Communication Breakdown» e «Highway Star», assim como material de Thin Lizzy e UFO. Jim Arnold e Ron Veloz trocavam os deveres vocais com Hetfield de tempos a tempos, enquanto a banda tentava determinar qual o cantor mais natural (ou o menos desajeitado).

McGovney, um amigo próximo de James, fazia de *roadie* dos Obsession quando tocavam em festas de quintal ocasionais e quando participava nos ensaios na casa dos Veloz. Este disse a O'Connor que Rich e Ron tinham instalado umas luzes de palco na garagem que ele e o seu amigo Dave Marris iriam manipular por intermédio de um painel de controlo de fabrico caseiro. Mas o relacionamento com os irmãos Veloz não estava destinado a durar, e por volta de dezoito meses depois James, Jim Arnold e o seu irmão Chris saíram para formar outra banda, Syrinx, que se especializava unicamente em versões dos Rush – e que não teve grande longevidade.

Desconhece-se a existência de gravações dos Obsession ou dos Syrinx, embora a audição de qualquer destas gravações seria sempre uma revelação para os fãs habituados ao rugido melódico de hoje. Nessa altura a voz de James era consideravelmente fraca e a sua habilidade para atingir e segurar uma nota era limitada. Para além disso, melhoramentos não teriam lugar por algum tempo, uma vez que a família de Hetfield foi atingida por uma tragédia: não muito após Hetfield ter deixado os Syrinx, a sua mãe morreu de cancro. Ron McGovney não tem nenhuma lembrança do seu amigo ter alguma vez mencionado a doença da sua mãe: “Não fazíamos a menor ideia. Ele desapareceu por dez dias e pensámos que tinha ido de férias. Quando nos contou que a sua mãe tinha morrido, ficámos estupefactos.”

Hetfield, então com dezasseis anos, encontrou os seus amigos junto aos cacifos quando regressou à escola e informou-os que ia mudar de casa assim como de escola. “Os nossos queixos caíram, não sabíamos o que dizer,” diz Ron. “Ele disse, ‘tenho de limpar o meu cacifo e mudar-me para a casa do meu irmão em Brea e frequentar a Brea Olinda High School’. E nós estávamos do género ‘não pode ser, isto não está a acontecer’.”

A mudança realizou-se devidamente, embora McGovney ainda se encontrasse com o seu amigo aos fins-de-semana. Entretanto, Dave

Marrs tentou tocar bateria: “O nosso som era péssimo” lembra Ron. Contudo, embora James deva ter ficado esmagado pela experiência que estava a passar, a mudança para uma nova escola parece tê-lo motivado a fazer algo de positivo pelo seu projecto. Tendo conhecido um guitarrista chamado Hugh Tanner na Brea Olinda, James formou outro grupo com o típico nome metaleiro Phantom Lord, encorajando Ron a ficar com o baixo. “Eu disse-lhe, ‘eu não sei tocar baixo, e nem sequer tenho um’,” disse Ron mais tarde. “O James disse, ‘eu ensino-te a tocar’, e assim, alugámos um baixo e um amplificador na Downey Music Center e o James ensinou-me o básico, tal como segui-lo na guitarra.” Como McGovney explica na *Shockwaves*, os Phantom Lord foram o mais perto que Hetfield chegou de ter uma banda a sério: “Tocámos com o Hugh Tanner por uns tempos, ele era bastante bom guitarrista... (e) pusemos um anúncio para guitarristas... um gajo chamado Troy James respondeu e juntou-se a nós.”

Contudo, nessa fase nada ficou na mesma por muito tempo, e era apenas uma questão de meses até que a banda de James sofresse outra mudança. Foi um golpe de sorte quando os pais de McGovney, que detinham três casas naquela zona, permitiram que se mudassem para uma delas sem pagar renda, uma vez que ia ser demolida daí a pouco tempo devido à construção da nova auto-estrada, a US 105. “Na altura, as casas dos meus pais estavam a ser-lhes retiradas pelo estado para construir a nova auto-estrada... e disseram-me que podia ir para lá viver uma vez que ia ser demolida,” explicou Ron. “Depois de completarmos o ensino secundário eu e o James mudámo-nos para essa casa e fizemos da garagem um estúdio para ensaios. Isolámos o espaço e levantámos umas paredes falsas, o James pintou as vigas de preto, o tecto de prateado, as paredes de branco e colocou uma carpete vermelha.”

Os Phantom Lord, uma vez instalados na casa para alugar de McGovney tornaram-se nos Leather Charm, uma banda com influências mais *glam rock* que Ron lembra como semelhante, “... aos Mötley Crüe, Sweet, e uma banda britânica chamada Girl... fazíamos uma série de versões, também, como a «Pictured Life» dos Scorpions, «Wrathchild» e «Remember Tomorrow» dos Iron Maiden e a «Slick Black Cadillac» dos Quiet Riot.”

Hetfield revelava agora um prévio desejo latente de ser um *frontman*, ao invés de ser um guitarrista agarrado a um microfone: “Ele queria ser o vocalista/*frontman*, e assim era apenas o Troy James na guitarra. Começámos a trabalhar em três músicas novas, uma acabou por ser a «Hit The Lights», que se tornou numa música dos Metallica, outra música

chamada «Handsome Ransom», e uma música chamada «Let's Go Rock'n'Roll», lembra Ron. “Nós nunca fizemos nenhum concerto. O Jim Mulligan decidiu que queria tocar mais progressivo, estilo Rush. Ele era mesmo bom baterista, muito técnico, e acho que pensava que éramos demasiado *heavy* ou *glam* para ele na altura.”

O próprio James era fã de “concertos de estádio”. Como o próprio referiu à Rolling Stone: “Provavelmente o concerto mais memorável que me lembro foi o California World Music Festival. Foi um daqueles de dois dias. Na primeira noite foram o Ted Nugent e os Van Halen – não, Aerosmith. Eu devia ter quinze ou dezasseis anos. Lembro-me de acompanhar um amigo meu que estava a vender ‘drogas’. Ele rasgava uma parte do bilhete – que tinha uma espécie de arco-íris na ponta – e cortava em bocadinhos e vendia como se fosse ácido. Eu era do género, ‘o que é que tás a fazer, meu?’ Ele usava o dinheiro para comprar cerveja. Eu era um grande fã dos Aerosmith. Não conseguia acreditar que estava a vê-los tão perto. Fui até lá à frente o máximo que consegui. Havia qualquer coisa de mágico em vê-los como pessoas reais, e não apenas como fotos num álbum. Em particular o Joe Perry, pelo seu ar bem porreiro. Para ele é impossível não ser porreiro. E lembro-me que fiquei passado da cabeça por o Steven Tyler chamar *filhos da mãe* ao público. Fiquei do tipo – ‘será que é *suposto* fazer-se isso?’”

Nas três décadas seguintes, James iria olhar para os seus anos de juventude com sentimentos contraditórios. O que é que toda esta perturbação acrescenta em termos do desenvolvimento da personalidade do jovem Hetfield? Talvez, pelo menos nesta fase, nada para além de rebelião adolescente e sede de novas experiências. Pelo que os seus contemporâneos se conseguem lembrar, James desenvolveu o gosto por cerveja e por festas em igual medida nos finais da sua adolescência. O baterista Gene Hoglan, que mais tarde tocaria numa série de bandas como Dark Angel, Death, Testament, Strapping Young Lad e Old Man's Child, tem talvez a lembrança mais antiga do jovem Hetfield em acção: “Conheci o James uma vez numa festa em 1981,” lembra. “O Ozzy Osbourne tinha tocado na semana anterior com os Motörhead. Eu vi um gajo às voltas na festa com uma *t-shirt* vestida dos Iron Maiden feita em casa. Eu disse-lhe, ‘Meu! Onde é que arranjaste essa *t-shirt*?’” Hetfield, que era uns anos mais velho que o assumidamente precoce Hoglan, respondeu numa voz grave e antipática. “Ele disse, ‘fui eu que a fiz!’ – e afastou-se. Eu fui atrás dele e disse-lhe, ‘onde é que a fizeste?’ Ele disse, ‘foi na escola’. Então eu disse, ‘eu tenho dez dólares comigo’ – e isso era muito naquela altura – ‘Deixa-me comprar-te essa *t-shirt*!’ E ele, ‘Não’.”

Gene, um miúdo persistente, não iria vacilar tão facilmente e perseverou: “ ‘OK’, disse eu, ‘estão aqui dez dólares, fazes-me uma *t-shirt*?’ ‘Não, vai-te foder, putó.’ E eu andei atrás dele a festa inteira. Do género ‘Meu – estou tão contente de encontrar alguém que ouve Iron Maiden! Por favor faz-me uma *t-shirt*!’ ‘Não, vai-te foder!’ Ele foi um sacana comigo a noite toda. No fim eu disse, ‘OK, como quiseres’. ” Derrotado, Hoglan deixou Hetfield com a sua cerveja e foi lamentar a sua oportunidade perdida. O adolescente Hetfield, era aparentemente, ou muito arrogante para se misturar com miúdos chatos, ou simplesmente estava mais interessado na bebida de borla para se preocupar com a conversa da *t-shirt*. Contudo, Gene tem a última palavra, acrescentando: “Oito meses depois vi-o a tocar num concerto e foi do género, ‘ei, aquele é o mesmo cabrão que não me quis ajudar com a *t-shirt* dos Iron Maiden! Vai-te foder, odeio-te!’ ” e desmancha-se a rir enquanto se lembra disto.

Eric Peterson, que veio a ser guitarrista e autor principal da banda de *metal* Testament, lembra-se de James numa fase mais tardia: “Eu costumava ir a *keggers* (festas que decorrem em volta de um barril [keg] de cerveja) com o James, ele a certa altura dava-se com um primo meu. Ele era fixe, ele era engraçado, meu.” Que género de animal era o jovem Hetfield nas festas? Aparentemente, alguém do género recalcitrante: “Tenho a certeza que ele é bastante diferente agora, claro,” lembra Eric, “mas naquela altura ele arrotava muito, andava sempre à procura de um bom restaurante mexicano para comer, e sempre que ia a uma festa ficava por perto do barril e falava de forma engraçada. Ele dizia ‘*goddammit*’ a noite toda. Algumas pessoas sabiam quem ele era e dirigiam-se a ele, e ele dizia, ‘*goddammit!*’ toda a noite em vozes diferentes. A malta dizia, ‘Aquele gajo é maluco!’ ”

Ao que parece, outro feitiço estava lançado. James abraçava os seus primeiros amores: festas e tocar guitarra. Nada voltaria a ser o mesmo.